An abstract geometric artwork on the left side of the cover, featuring a complex pattern of overlapping triangles and lines in various colors including purple, blue, green, red, and brown. The pattern is dense and intricate, creating a sense of depth and movement.

*Edição N° 5*  
*Junho/2013*

# **Revista Peabiru**

*Adentre-se...*

El caso argentino brilla como referencia, en tanto suele ser reconocido tanto por la magnitud del genocidio perpetrado como por la pervivencia de sus consecuencias. Entre 1976 y 1982 desaparecieron a 30 mil personas. Hubo torturados, masacrados colectivamente, arrojados vivos al mar, silenciados. Aquella aparentemente fase corta de la Historia reciente constituye una huella profunda que vio nacer posterior a la transición a la democracia, otro tipo de sociedad. Nunca, una familia sería la misma en Argentina. Nunca la amistad significaría lo mismo. Nunca un "compañero" sería lo mismo. Nunca una relación entre militantes, sería igual. La sociedad, atravesada por múltiples hilos delgadísimos de terror y amenaza, fue, es y será Otra.

Ahora bien, después de 87 años de vida, el militar argentino Jorge Rafael Videla murió. Su muerte colocó la memoria colectiva en reposo, en un tiempo de suspiro necesario. Su muerte no obedeció a la voluntad de muchos. No fue por un escrache. Tampoco murió por la condena de las autoridades. Menos aún se debió a algún tipo de "justicia por mano propia". El jefe de la Junta Militar que ocupó el poder de manera autoritaria el 24 de marzo de 1976 en Argentina, murió en sus primeros meses de cárcel común. Después de decenas de juicios y un indulto decretado en 1990 por el entonces presidente Carlos Menem -en democracia-, Videla no había conocido hasta sus 87 años, el perfume de una cárcel común. "Fue amo de la vida y la muerte" decían los periódicos. Fue mucho más que eso, fue impune.

Como afirma Elizabeth Jelin en su libro "Los trabajos de la memoria" (SXXI, 2001), abordar la memoria involucra referirse a recuerdos y olvidos, narrativas y actos, **silencios** y gestos. Hay en un juego saberes, pero también hay emociones. Y hay también huecos. Y fracturas.

¿Cómo salvarse del silencio?

Acaso ¿Podés imaginar una sociedad sin una generación entera de jóvenes?

...

...

...

¿Podés ahora imaginarla sin los hombres y mujeres que justamente querían que esa sociedad fuera diferente a la que tenemos hoy?

...

¿Podés ver ahora lo que significa una contra-utopía?

*Por Victoria Darling*

# Danzas Criollas Latino-Americanas



Alberto Ginastera é considerado um dos compositores argentinos mais importante do século XX e conhecido como um representante do nacionalismo musical no seu país. Nesta oportunidade, foi apresentada a suíte Danzas criollas op.15, peça composta em 1946 e revisada dez anos depois. A obra consta de cinco danças de estilo e caráter bem diferenciado, sendo elas: “I- Adagietto pianíssimo”, “II- Allegro rústico”, “III- Allegretto cantábile”, “IV- Calmo e poético” e “V- Scherzando e Coda”.

A primeira obra do ciclo de danças nos remete à ideia de canção de ninar pela sua simplicidade melódica e rítmica, sendo contrastada abruptamente pelo início da segunda peça. A segunda e a quinta são de caráter mais rítmico e incisivo, inserindo-se na estética do primitivismo, presente em várias peças de Ginastera e de outros compositores como Stravinsky. A terceira, com indicação de caráter *Allegretto cantábile*, se bem é de melodia bastante simples, tem um caráter noturno e um pouco mais intenso pela maior presença de diálogo entre as vozes e mudanças de compasso. A quarta nos insere num ambiente etéreo, próprio do mundo onírico, destacando-se das outras danças, funcionando como um pequeno interlúdio antes da última dança que conclui a suíte.



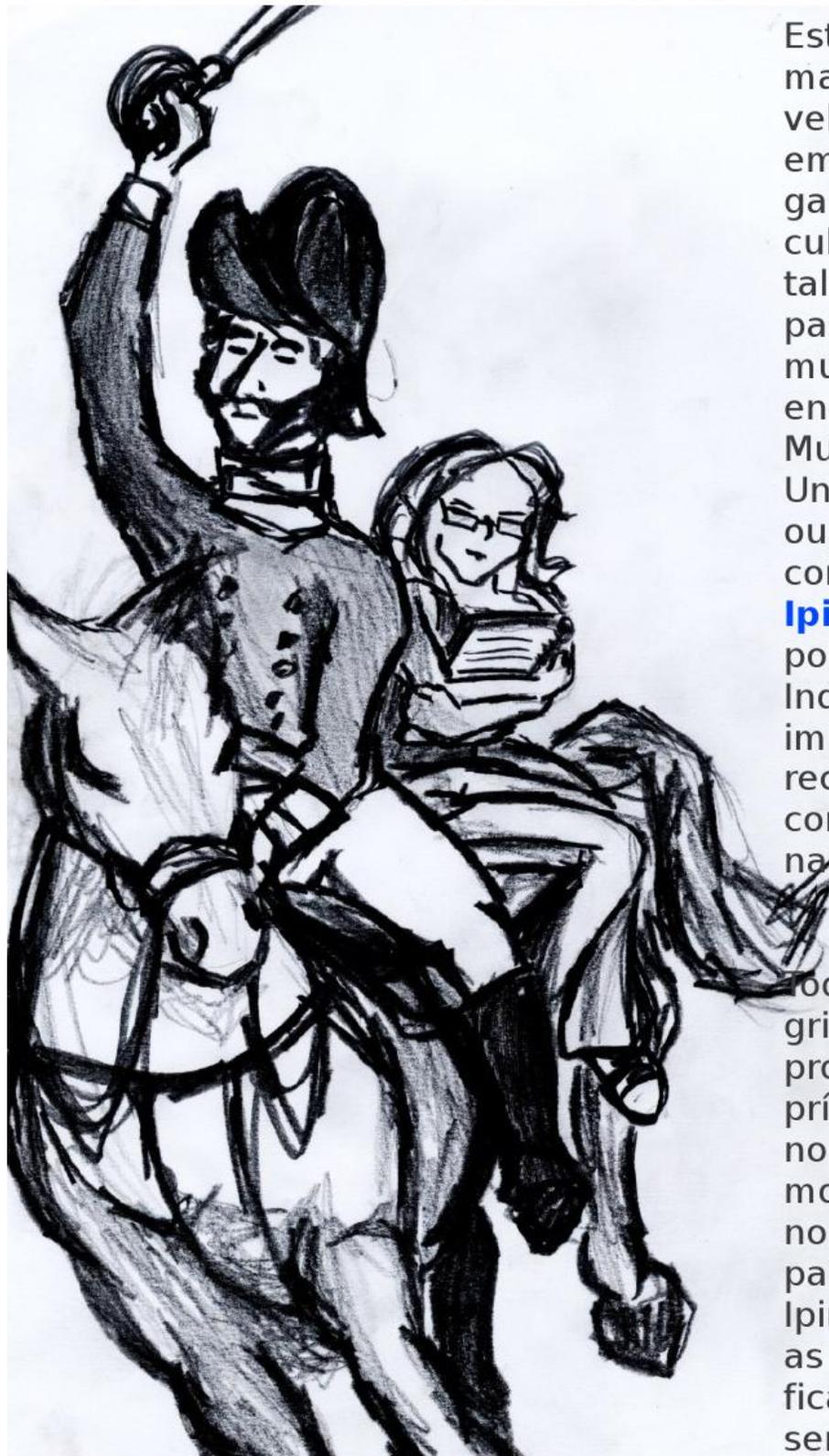
Em 1941, o compositor e pianista uruguaio Héctor Tosar compõe a sua primeira peça para piano, a *Danza Criolla*. Se há alguma forma de definir a estética composicional de Tosar é a constante busca por uma linguagem própria que conseguisse ser expressiva e comunicativa, sem aderir-se a uma corrente estética determinada, a pesar de valer-se de elementos provenientes de diferentes fontes. Enquanto muitos compositores latino-americanos tinham a utilização do folclore como bandeira para definir uma linguagem nacional, Tosar utilizou o folclore de forma restrita. A sua *Danza Criolla* é um dos poucos exemplos de inspiração folclórica na obra do compositor, peça na qual podem se encontrar elementos presentes na sua produção como o lirismo, a intensidade expressiva e a densidade da escrita na presença constante de várias vozes simultâneas.

Além de buscar um debate com os ouvintes sobre as obras, um dos objetivos da apresentação foi introduzir aspectos sobre o gesto e o seu papel na construção do sentido musical. Para esse propósito, as danças para piano *solo* propiciam algumas indagações: de que forma subjaz a dança numa peça executada no piano? Como se vinculam os movimentos corporais expressivos da dança com a criação musical? Quais elementos das peças nos remetem à ideia de dança e qual é o papel dos gestos na construção do discurso musical? Esses foram alguns dos interrogantes discutidos, abordados sempre a partir de exemplos de trechos das peças interpretadas.

*Por Irene Porzio Zavala*

## Era uma vez um império

*Uma das maneiras mais populares para se viajar no tempo, buscando conhecer períodos longínquos da nossa história, é através dos museus.*



Estes espaços guardam muito mais do que raridades ou velharias, pois se constituem em uma das formas para se garantir a perpetuação de culturas e costumes que talvez se perdessem com o passar dos séculos. Entre os museus que podemos encontrar no Brasil está o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, ou, como também é conhecido, **Museu do Ipiranga**. Ele resgata um pouco da história da Independência brasileira e do império que se seguiu a ela, recorte de tempo tão controverso em nossa história nacional.

Todos já ouviram falar no grito de independência, proferido por D. Pedro I, príncipe regente de Portugal no Brasil até aquele momento, transformando-se no primeiro imperador do país. Às margens do Rio Ipiranga, D. Pedro I teria dito as lendárias palavras que ficariam marcadas para sempre no imaginário nacional: “Independência ou

# Era uma vez um império

Nascia assim uma nova nação. E o museu nos leva a conhecer um pouco mais sobre o cotidiano dessa parte da história, tendo em seu acervo objetos e mobiliários referentes ao período, obras de arte da época e, apresentando inclusive uma arquitetura inspirada em palácios renascentistas, o que já pode nos dar uma ideia de como se constituiu culturalmente a sociedade do Brasil Império.

Vale ressaltar que o museu é um monumento-edifício e está localizado nas redondezas de onde ocorreu o grito do Ipiranga. O edifício foi projetado pelo arquiteto e engenheiro italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi, sendo ele contratado em 1884 e, suas obras encerraram em 1890. O espaço ainda conta com um belo jardim e o parque no qual está localizado o monumento da independência.

Ele marca uma passagem na história do Brasil que muitos não fazem questão de lembrar, uma vez que o país foi o único na América que após a sua independência adotou um regime imperial e não cortou totalmente os vínculos com a metrópole.

Já que o príncipe português se transformou no primeiro imperador brasileiro. E retornou a Portugal prontamente assim que pode assumir o trono português, deixando o Brasil nas mãos do seu filho, D. Pedro II, na época com apenas seis anos de idade.

O período imperial pode não ser motivo de orgulho, porém é inegável a sua importância na construção do país que conhecemos hoje como Brasil. Com a separação pacífica de Portugal e a adoção de um governo centralizador, foi possível a manutenção da unidade territorial, diferentemente da fragmentação que ocorreu com o império espanhol na América.

*Texto Natali Zamboni*

*Ilustração Rafael Maier*

# Fala comigo doce como a chuva... e me deixa ouvir

Espectáculo de encerramento de disciplina ministrada pelo professor Fernando Faria com os alunos de Letras, Artes e Mediação Cultural da UNILA. Montagem baseada na peça *Fala comigo doce como a chuva... e me deixa ouvir*, de Tennessee Williams.



Lá fora o céu está cinzento carregado de uma chuva que ainda não começou a cair. A MULHER está segurando um copo de água do qual ela toma pequenos goles com gestos nervosos como um passarinho bebendo água. Ambos têm rostos jovens e desolados como os rostos de crianças em países devastados pela fome.

Na maneira de falar existe uma certa delicadeza, uma espécie de formalidade meiga como de duas crianças solitárias que desejam ser amigas, e no entanto têm-se a impressão que eles vivem nesta situação íntima há muito tempo e a cena que está se passando entre eles neste momento é uma repetição de cenas anteriores, tão frequentes que se tornaram patéticas pois nada mais resta do que a aceitação de uma situação inalterável entre eles, sem nenhuma esperança de mudança

Faz tanto tempo que não estamos juntos a não ser como dois estranhos vivendo juntos. Vamos nos reencontrar e talvez não ficaremos mais perdidos. Fala comigo!

Eu estive perdido! Eu pensei em você muitas vezes porém não podia lhe telefonar, meu bem. Pensei em você o tempo todo mas não podia telefonar. O que eu poderia dizer se telefonasse? Poderia dizer, estou perdido? Perdido nesta cidade?

Jogado de um lado para o outro entre o povo como um cartão postal sujo?

E depois de desligar o telefone... Eu estou perdido nesta cidade...

Agora me conta as coisas. O que você tem pensado em silêncio? Enquanto eu era jogado de um lado para outro nesta cidade como se fosse um cartão postal sujo... Me conta, fala comigo como se fosse a chuva e eu ficarei deitado aqui e ouvirei...



Fragmentos da peça *Fala comigo doce como a chuva... e me deixa ouvir*, de Tennessee Williams.

## FRAGMENTOS DE FRONTEIRA E DO ATO FOTOGRÁFICO

A cerca de arame delimita, demarca um espaço, pontua até onde se pode ir, o que pode e não passar. Poderíamos pensar na cerca com uma representação objetiva de uma fronteira, um limite entre o aqui e o ali. O pássaro, ao voar atravessa a cerca, voa rente ao alambrado, invade o outro lado, ou apenas pousa sobre o limite.

O pássaro poderia representar “nosotros” que atravessamos estas demarcações físicas, ou que muitas vezes estamos sobre elas nas mais diversas atividades cotidianas, também conotativamente o sentido poético da fluidez e do contato. Segundo Canclini (2000), “em toda fronteira há arames rígidos e arames caídos”, e seriam os subterfúgios culturais e os ritos que apresentam maneiras de transpor os limites. E é sobre essas fronteiras (e seus ritos) que quero compartilhar: as demarcadas fisicamente no território e as ultrapassadas no encontro com o outro.

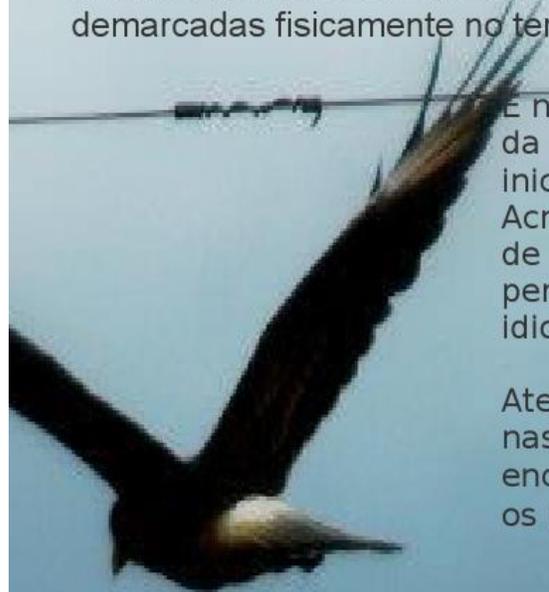
E neste sentido que sair dos entrelaçamentos e paradoxos da vida cotidiana corresponde, para mim, como uma das iniciativas mais importantes do ser e estar na fronteira. Acredito que ao viajar pelas nossas fronteiras - uma espécie de refúgio do cotidiano -, atravessamos os lugares de pertencimento, os “não-lugares” e passamos a vigiar as idiosincrasias latentes na fronteira: fluída ou não.

Atentamo-nos: nas mesas de almoço em uma fronteira ou nas mesas-redondas dos pensamentos acadêmicos, encontramos complementaridades e dissonâncias, ou seja, os mais diferentes contextos de vida, de “existência”.

Retomaria Fernando Pessoa e me apropriaria de seus versos “Viajar é preciso/ impreciso. Viver não é preciso”. Nessas andanças territoriais, teóricas e empíricas re-inventamos, re-significamos, reconhecemos e incorporamos paisagens, cores, nebulosidades, sonoridades. Abrimos as narinas, apertamos os olhos, dilatamos os ouvidos, sensibilizamos as mãos, corroemos os pés, salivamos a boca. E em tudo isso é possível reconhecer o encontro com o outro, partindo de uma experiência sensível, carnal e palpável. Também em tudo isso é possível reconhecer fronteiras e o ato- fotográfico.

E por tudo isso - fotografia, fronteira e encontro com o outro -, ser experimentações e cinestesia é que as fotografias “contam” sobre algumas fronteiras.

Por Fran Rebelatto



# FRONTERAS INVISIBLES

**Na manhã**

**Amanhã**

**De manhã**

**Mañana**

**Na tarde**

**Tarde**

**De Tarde**

**Tarde**

**Na noite**

**Noite**

**De noite**

**Noche**

**No tempo, en cualquier lengua, na vida**

**Vos siempre vas a ser mi vida, a vida**

*Por Jorgelina Ivana Tallei*



# História Viva

## ***Anita Prestes visita Foz pela primeira vez***



A formação do comunismo e dos partidos comunistas na América Latina, o tenentismo, a Coluna Prestes no Brasil (considerada a maior marcha comunista do mundo) e sua ligação com Foz do Iguaçu, a influência da família Prestes na política brasileira e internacional, e a Era Vargas são os principais temas das atividades promovidas em função da vinda de Anita Prestes, pela primeira vez, à Tríplice Fronteira.

As atividades vão de 19 a 21 de junho e estão sendo organizadas pelos projetos de extensão Webrádio UNILA, CineDebate História e CineLatino, e as coordenações dos cursos de História e de Ciência Política e Sociologia, por parte da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, bem como pelo Centro de Direitos Humanos e Memória Popular (CDHMP) e pela Casa da América Latina.

Filha de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário, Anita Prestes nasceu em um presídio na cidade de Berlim. Com cerca de dois anos de idade foi trazida ao Brasil por sua avó paterna e aqui foi criada, enquanto sua mãe continuou encarcerada na Alemanha nazista até que faleceu em um campo de concentração.



## **EXPEDIENTE**

Coordenação: Renan Xavier e  
Débora Cota  
Projeto Gráfico: Michele Dacas e  
Renan Xavier  
Editora: Michele Dacas  
Ilustração: Rafael Maier e Gilmar  
Almeida da Silva  
Orientação Pedagógica: Débora Cota  
Produção: Natali Hoff e Rafael Maier

## **COLABORADORES**

Victoria Dariling  
Taisa Lewizki  
Marco de Souza Albuquerque  
Carlos Cezare  
Irene Porzio zavala  
Fran Rebelatto  
Anderson Andreatta  
Nilson Araujo de Souza  
Tania Marin  
Jorgelina Tallei  
Ana Fonseca  
Katherine Garcia  
Guilherme Cardim  
Giane Lessa

## **EDITORIAL**

A preocupação com o espaço atravessa o, inicialmente, aleatório conjunto de textos aqui reunidos: o Norte, mais além do Sul, os percursos do paradoxal viajante turista, as fronteiras invisíveis ou os fragmentos de fronteira, a via-crúcis de quem precisa deslocar-se sem ver; Equador, o lugar do cinema, o lugar da memória...

Espaços imaginados, interpelados ou a serem conquistados formam o grande mosaico multicolorido latino-americano que pulsa no interior destas páginas.

Porque todos precisam de um espaço.

**Adentre-se!**

*Junho/2013*

A REVISTA PEABIRU é um projeto de extensão da UNILA

Acesse:  
[www.unila.edu.br/revistapeabiru](http://www.unila.edu.br/revistapeabiru)

## LA NINFA

Estaba en el centro del estanque, entre la inquietud de los cisnes espantados, una ninfa, una verdadera ninfa, que hundía su carne de rosa en el agua cristalina. La cadera a flor de espuma parecía a veces como dorada por la luz opaca que alcanzaba a llegar por las brechas de las hojas. ¡Ah!, yo vi lirios, rosas, nieve, oro; vi un ideal con vida y forma y oí entre el burbujeo sonoro de la linfa herida, como una risa burlesca y armoniosa, que me encendía la sangre.

De pronto huyó la visión, surgió la ninfa del estanque, semejante a Citerea en su onda, y recogiendo sus cabellos que goteaban brillantes, corrió por los rosales tras las lilas y violetas, más allá de los tupidos arboles, hasta ocultarse a mi vista, hasta perderse, ¡ay!, por un recodo; y quedé yo, poeta lírico, fauno burlado, viendo a las grandes aves alabastrinas como mofándose de mí, tendiéndome sus largos cuellos en cuyo extremo brillaba bruñida el ágata de sus picos.

Extrato de "La Ninfa", de Ruben Dario

*Por Tania Marin*





## MONIGOTES O AÑOS VIEJOS

Y es que son muñecos de papel, también llamados monigotes o años viejos los que cada 31 de Diciembre forman parte de una de las tradiciones significativas en el Ecuador.

Personajes políticos, miembros de familia y caricaturas son los favoritos a la hora de poner manos a la obra y construir estos monigotes, que llevan un proceso artesanal de elaboración. Con cartón, papel, telas, aserrín para formar el esqueleto junto con colores variados para los rostros y vestuario.



Verdaderas obras de arte que a media noche son reducidos a cenizas, como símbolo de que otro año ha pasado y consigo están siendo quemados todos aquellos momentos y personajes que muchos quieren olvidar o que perduraran en la memoria de quienes quieran recordar.

Es la quema de monigotes, es el fuego, es el deseo de un buen augurio de transformación para el próximo año...

*Por Katherine García V.*

## **Norte: existe muito mais Brasil do que o Sul pode imaginar**

O Norte tem gosto de açaí, buriti, taperebá, bacuri, e também de tapioca... com castanha do Brasil, já que ali se aprende logo que ela não é exclusiva do Pará. Tem gosto de x-caboquinho de Manaus, pão com queijo coalho e tucumã, uma fruta com gosto de "não-sei-de quê", iguaria sem igual, mais popular que lanche de marca capitalista. Em Belém a onda é comer açaí com peixe ou camarão, ou qualquer outra coisa que a imaginação permitir. É só escolher no cardápio de uma tenda do Ver-o-Peso, famoso mercado aberto às margens do grande rio.

Tem também o sabor mágico do tacacá, na mistura de origem indígena onde vai tucupi, goma de mandioca, jambu e camarão. Eu disse jambu?





Essa palavra por si só já me adormece a boca feito anestesia de dentista, virou até ingrediente principal de cachaça, a jambucina. Mas no tacacá - que se serve "cheio até o tucupi" - o sabor é tão marcante quanto a experiência de se perder mata adentro. Se o Sul tem gosto de mate, é no tacacá que o Norte se encontra, servido na cuia, sempre quente, com aroma de desconhecido para o turista e um sabor dos deuses materializado numa bebida de mortais. O Norte tem lá suas rixas internas, talvez mais intensas que a travada entre cariocas e paulistas. Larápios de um lado, preguiçosos do outro, diz a lenda popular que é contada nas rodas de conversa dos manauaras ou dos belenenses. "Égua", expressão de espanto no Pará, e "leso", para tirar onda do mais distraído no Amazonas. "Maninho" é usado sempre para criar laços, sinal de intimidade.

Nesse lado do mundo reina o jeito caboclo de ser, aquele que come de colher a caldeirada de peixe com farinha amarela de grão grosso - pois para ele a farinha do Sul é tão fina que parece talco, não tem graça nem sentido. E vai o "caboco" sair todo dia pra pescar nos igarapés o peixe nosso de cada dia: jaraqui, matrinxã, pacu, tucunaré, pirarucu, ô povo que gosta... de peixe! Só não é bem-vindo o candiru, bichinho safado que entra onde não deve e faz estrago. E tem, claro, caldo de piranha pra levantar a moral do freguês em busca de um incentivo mais natural. Mas, mana, tome cuidado com o boto, ele pode fazer menina-moça virar mulher-mãe solteira.

A vida no Norte tem outros fusos, vários cafusos, muita mistura, tem sol que nasce e sol que morre no rio, sempre nele, que de tão grande parece mar.

*Por Anderson Andreata*

## **O ser viajante e o ser turista** ***paradoxos de deslocamento***



Muito tenho ouvido nos últimos dias sobre viajar sem sair de casa, salvo as ambiguidades, fui tomada de surpresa pela literalidade desta expressão com a experiência que tive ao me inserir em um programa de alojamento para viajantes de todo o mundo. Neste programa, podemos receber pessoas, ou alojar-se como tais nas casas com as portas abertas aos couchsurfings - os surfistas de sofá - pelas diferentes cidades dos mais diversos países.

A grosso modo poderia ser apenas um meio econômico de viajar, pela facilidade de ser hospedado sem custos, porém é uma experiência deslocadora tanto para quem recebe, quanto para quem é recebido. E é desse deslocamento que eu quero falar, não do programa em si, mas da experiência de viajar em casa que essa modalidade de conhecer lugares e pessoas me trouxe. Além das descobertas linguísticas, econômicas, culturais, estruturais, sociais e artísticas de quem transita, receber dois estrangeiros em minha casa me fez pensar mais sobre minha própria cidade. Gostaria de esclarecer que considero minha cidade o lugar em que estou, o qual me localizo, pois de certa forma, nele também estão os tantos outros que passei e também o lugar de onde venho e quem sabe os que para ainda vou.

Os dois estrangeiros, os franceses, assim como buscavam terras distantes, também as trouxeram nas garupas de suas bicicletas. Eles saíram em uma jornada por culturas em países distintos dos deles, queriam cair nas lonjuras do mundo, vulgo os lugares que não conhecemos. Certo dia ouvi num desses filmes que assisti por aí que "longe é o lugar onde nunca vamos". Nesta busca, viajantes lançam-se ao longe, no caso os dois franceses resolveram pedalar pela América Latina e pela Ásia que desconheciam.

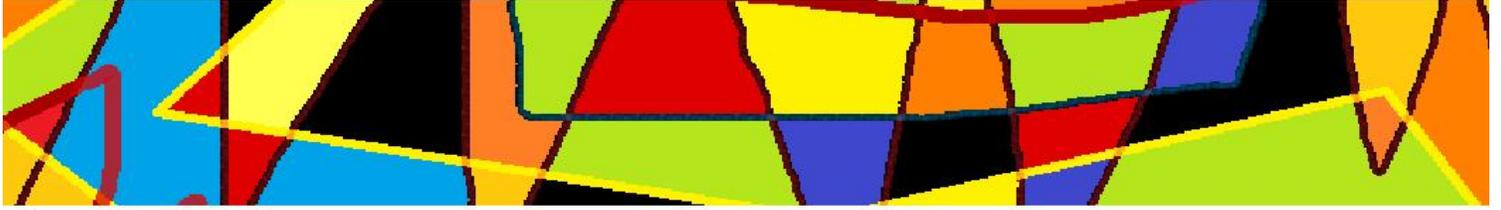
Os ciclistas resolveram buscar o outro sujeito e o outro lugar na liberdade de suas velas, assim mesmo, sem tempo determinado, ou lugar para ficar, apenas um roteiro percorrido com paladares e ouvidos aventureiros. E receber estes hóspedes me fez pensar em como saímos de nós quando somos viajantes, esses dois que aqui lhes apresentei descobriram muito e ainda tem um tanto de caminho para provar. Eles ficam nas casas das pessoas e deslocam-se com o que podem observar do lugar através delas.

Percebi o quanto vemos de nossa própria cidade em experiências como essa. Não falo dos pontos turísticos que são mostragens do que subjetivamente submerge. Penso nessa minha cidade, considerada destino do mundo, e em quantas cidades nela existem e que são desviadas pelo turismo convencional, aquele do clã aristocrata, dos valores tangíveis e do folclore ensaiado.

Os dois hóspedes em seu refúgio dos hotéis para as residências puderam ver outros lados do destino Iguassu. Conheceram aquela praça abandonada acerca do centro, com o seu lazer rejeitado pelo circuito turístico, assim como os tantos outros espaços públicos da cidade que não recebem grandes fluxos, apenas cidadãos. Eles conduziram seus pés por calçadas tortas e sem catracas, assim como miraram um lindo pôr-do-sol espelhar-se ao paraná naquele desconhecido portinho. Acredito que o viajante que se desloca através das pessoas, aromas, caminhos e sonoridades tão escondidos do olhar consumado do turista, leva um pouco do lugar em si e deixa-se da mesma forma, nele.

*Por Michele Dacas*

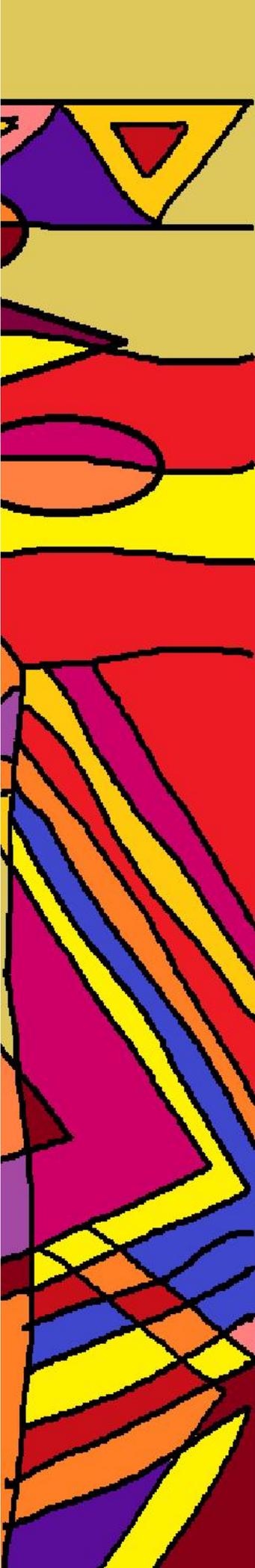
# Os desafios da Integração Latino-Americana



A integração latino-americana, para consolidar-se enquanto projeto que contribua para o desenvolvimento e a independência econômica da região, terá que enfrentar alguns desafios importantes. Alguns já começaram a ser enfrentados; outros nem tanto.

O primeiro desafio está relacionado com sua abrangência territorial. Existem vários projetos de integração sub-regional em andamento na região. Destacam-se dois: o da União das Nações Sul-Americanas - UNASUL e o da Aliança Bolivariana dos Povos de Nossa América - ALBA. Essas experiências são fundamentais para ir construindo a aproximação entre os países com maior identidade. Mas esse processo pode servir de patamar para alavancar a construção de um projeto que englobe o conjunto da região. Os primeiros passos nesse sentido já foram dados, com a constituição da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos - CELAC.

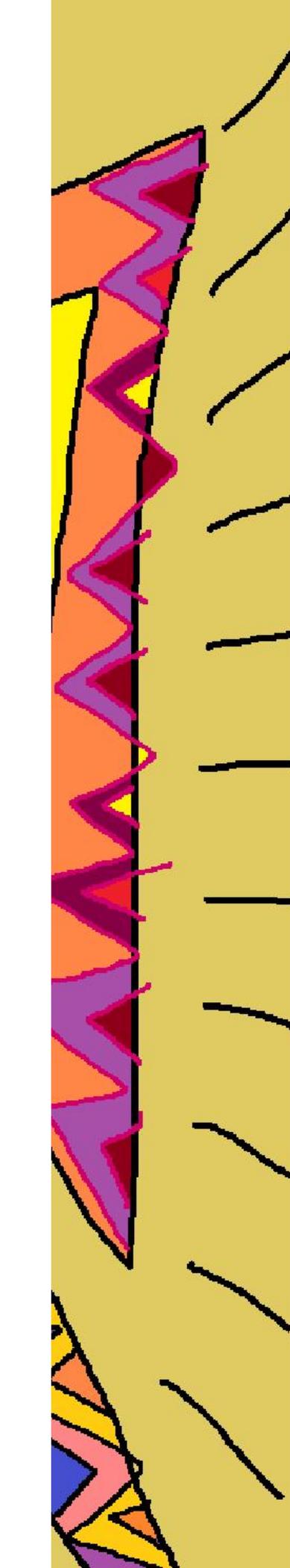
O segundo desafio diz respeito à ênfase no que poderia chamar-se de visão “comercialista” que caracteriza os processos de integração que vinham sendo desenvolvidos, tais como o Mercado Comum do Sul - MERCOSUL e a Comunidade Andina de Nações - CAN. Apesar de haverem aprovado a união aduaneira, têm funcionado basicamente como área de livre comércio dentro do regionalismo aberto. Enquanto tal, privilegia-se a competição, no lugar da cooperação. O resultado é que, na competição, fortalecem-se as empresas mais fortes sediadas nos países mais fortes, em detrimento das empresas mais frágeis dos países mais frágeis.



O caminho alternativo seria privilegiar a integração produtiva e infra-estrutural por meio da cooperação em projetos de interesse comum. A ALBA, por sua proposta, acordos e práticas, recolheu de maneira mais profunda esse ideário da cooperação. A UNASUL, apesar de, nas discussões iniciais, ter estado sob a influência da visão “comercialista”, terminou, nos acordos firmados, privilegiando outras formas de integração, tais como a integração infra-estrutural (destacando-se a energética), política, social e cultural.

O terceiro desafio está relacionado à situação de dependência externa das economias da região. A situação de dependência econômica tem caracterizado a América Latina desde a independência política, mas foi reforçada quando a divisão internacional do trabalho foi reconstruída à moda do sistema imperialista mundial, que se consolidou a partir do final do século XIX. Nos momentos de reforço da dependência externa, prevalece na América Latina a desintegração. Por outro lado, nos momentos em que países da região chegaram a conquistar uma relativa independência econômica, puderam avançar nos projetos de integração. Ao mesmo tempo, a integração é um importante instrumento a favor da conquista da independência econômica.

No momento atual, beneficiando-se da crise estrutural e do declínio relativo da supremacia econômica e política dos EUA, governos progressistas que se formaram em vários países latino-americanos começaram a promover mudanças que têm acarretado a diminuição da dependência externa. Destacam-se, entre essas mudanças, a retomada de um maior controle sobre seus recursos naturais.



Países andinos, como Venezuela, Equador e Bolívia, com seus processos de refundação, têm avançado mais nessa direção. Essas transformações com vistas a uma maior autonomia nacional beneficiam o processo de integração regional.

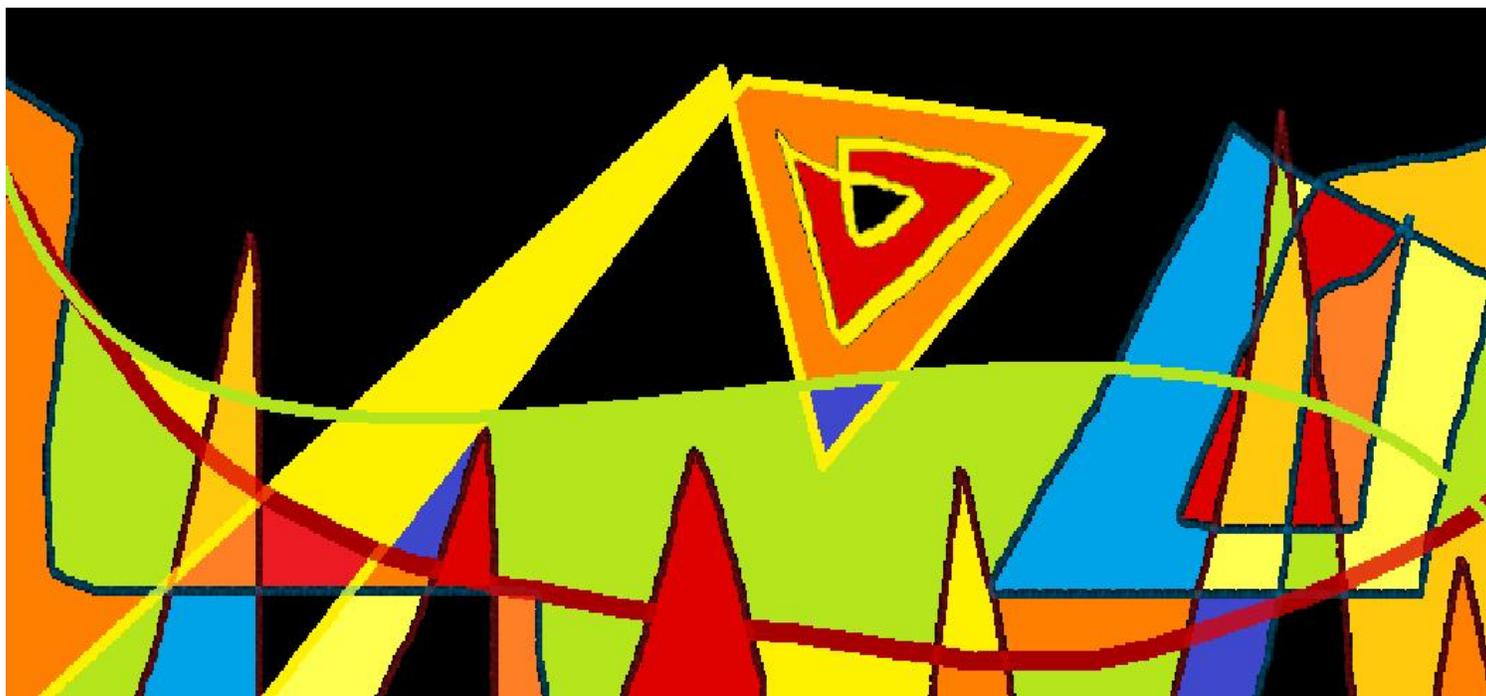
O quarto desafio tem a ver com o papel do Brasil no processo de integração regional. Dada a dimensão econômica e territorial e a importância política regional e internacional do Brasil, seria natural que tivesse um papel de liderança no processo de integração regional. Mas uma coisa é liderança; outra é hegemonia ou mesmo dominação imposta. Ao liderar um processo de integração, um país pode fazê-lo de forma a beneficiar a todos. A hegemonia ou domínio implica, em graus diferentes, em dominação com o objetivo de beneficiar sobretudo e, no limite, exclusivamente, às forças econômicas do país hegemônico ou dominador.

O processo de integração do MERCOSUL e mesmo do conjunto da América do Sul tem beneficiado, principalmente, às transnacionais e às grandes empresas instaladas no Brasil, nacionais ou estrangeiras. Isso se manifesta de três formas: a) nas relações comerciais entre os países do MERCOSUL, o Brasil tem sido sistematicamente superavitário; b) nessas relações, o Brasil tem exportado predominantemente produtos industriais e importado produtos primários, reproduzindo, à escala regional, a divisão internacional do trabalho clássica; c) tem havido um importante processo de internacionalização de empresas brasileiras na região, muitas delas apoiadas financeiramente pelo Estado brasileiro, por intermédio do BNDES.

Vale ressaltar que a política externa adotada durante o governo Lula tem procurado se contrapor, em muitos aspectos, a essa assimetria. Foi assim durante as negociações sobre a nacionalização dos hidrocarbonetos na Bolívia, os conflitos com a Argentina a propósito das decisões daquele país no sentido de proteger seus produtos da chamada linha branca, a demanda paraguaia de corrigir a defasagem de sua receita oriunda de Itaipu.

O quinto desafio consiste em o processo de integração deixar de ser um projeto apenas dos governos nacionais para ser um projeto dos Estados nacionais e, mais que isso, dos povos latino-americanos. Aliás, para se transformar num projeto estratégico e estrutural dos Estados, independente do governante de turno, é imprescindível que se transforme num projeto dos povos. Para isso, no entanto, é importante que os povos da região sejam partícipes não apenas dos benefícios, mas também das decisões que envolvem o processo. Isso implicaria uma transformação estrutural: em lugar de privilegiar as grandes empresas instaladas ou não na região, priorizar o benefício dos povos.

No fundamental, os processos de integração ainda não beneficiaram os povos da região. Mas avanços sociais já ocorreram. No contexto da ALBA, por exemplo, a partir dos acordos realizados, erradicou-se o analfabetismo na Venezuela, Equador e Bolívia, recorrendo a educadores cubanos, e adotaram-se importantes programas de saúde, também com base nos médicos cubanos

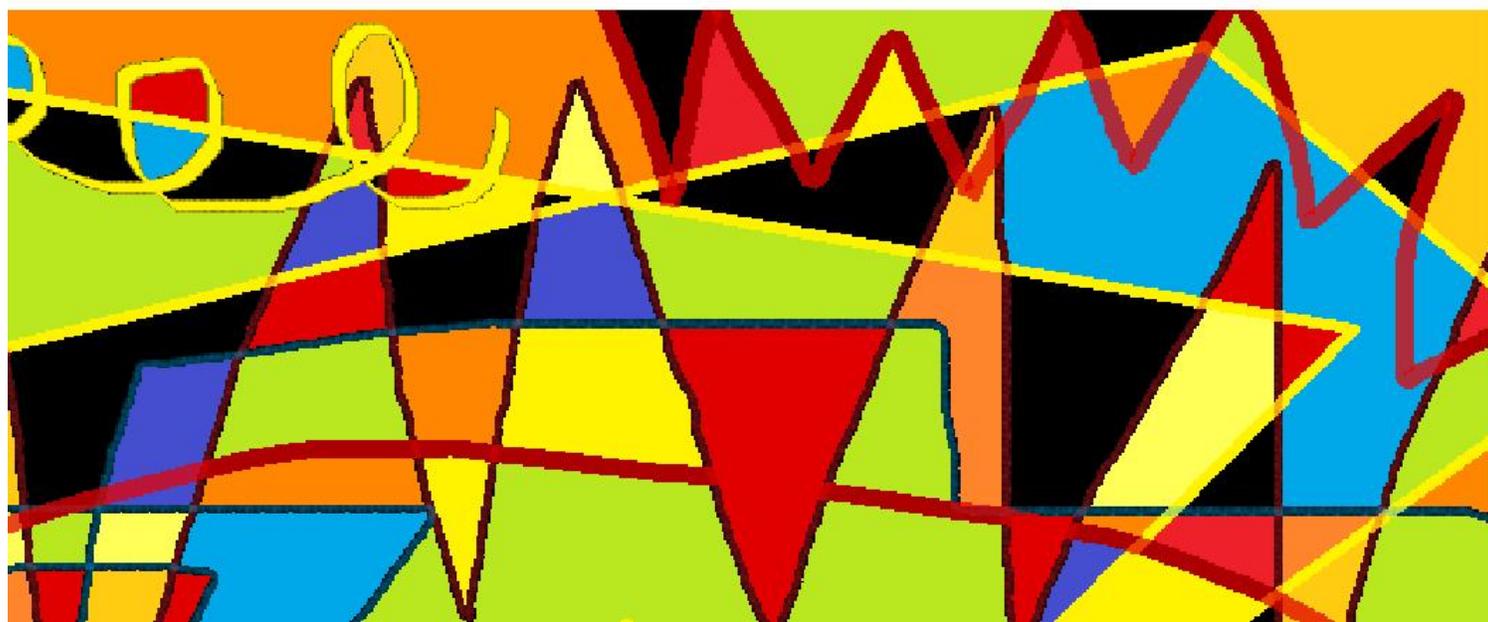




**Por último, mas não menos importante, a integração latino-americana defronta-se com o desafio de resolver adequadamente a questão cultural. Há muitas identidades culturais entre os povos da região, a começar pelas expressões linguísticas de raiz latina, mas predomina a diversidade cultural. O grande desafio consiste em realizar a integração cultural sem submeter uma cultura a outra ou sem borrar a diferença, mas preservando, como elemento criativo, a rica diversidade de culturas que caracteriza os povos latino-americanos. Para isso, é importante que cada povo ou etnia, ao mesmo tempo que valorize sua cultura, conheça e valorize a cultura do “outro”, que simultaneamente é parte do “nós”.**

*Por Nilson Araújo de Souza*

*Ilustração Giane Lessa*





Não gosto de deixá-la suja sob a pia.  
Não gosto de deixá-las molhadas no escorredor.  
Eu não gosto quando esqueço as louças molhadas no  
escorredor, pois parece que  
cria um lodo em cima delas.  
É preciso salvar a morte da vida.  
Não gosto quando ela dura.  
Quando eterno, rápido demais.  
É preciso viver sem ter errado drasticamente.  
É preciso viver sem errar diariamente.  
É preciso viver o que é errado pra saber que uma vida sem  
precipícios é chata  
demais.  
É preciso matar o homem meu irmão.  
O que somos é muito maior do que um dia fizemos.  
O meu sono, minha pausa.  
Não se para a vida por qualquer instante.



o dia estava nublado  
embarquei cedo no ônibus para ir  
um homem embarcou com uma mala  
uma senhora embarcou

**duas pessoas me seguem em minhas  
lembranças**

(trabalhar)( )

(estudar)( )

(viajar)( )

(sonhar)( )

Estava lotado e as pessoas  
não se olhavam  
queima lá fora  
ninguém buzina

hoje atraso. em dez anos que me levanto

todas os dias para perceber as desgraças que o mundo  
produz nunca me atrasei.





Capturou-se  
todos viram  
nem precisou por que. todos viram.

contou por nunca terem se deixado contar  
e ninguém olhou  
pois havia tudo filmado  
seus olhos sorriam

um absurdo  
um homem embarcou  
todos os seus pertences

Escondidos  
e assim  
ele me olhou  
mas seu cabelo caiu  
por que ninguém quer olhar. tudo.  
são de ninguém

nunca escolhido

uma câmera

*Por Guilherme Cardim*

*Fotos Rafael Maier*

As vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.  
*Fernando Pessoa*



**Um vendedor de bolos e de  
inspiração**

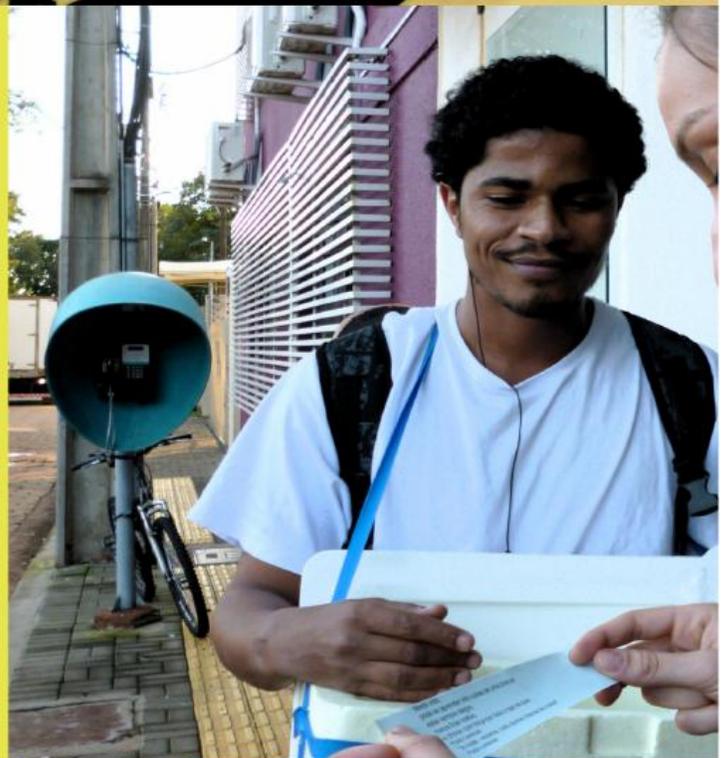
***Pela tarde, ele chega por aqui.***

***Com o skate nas costas e com os  
sonhos no peito!***

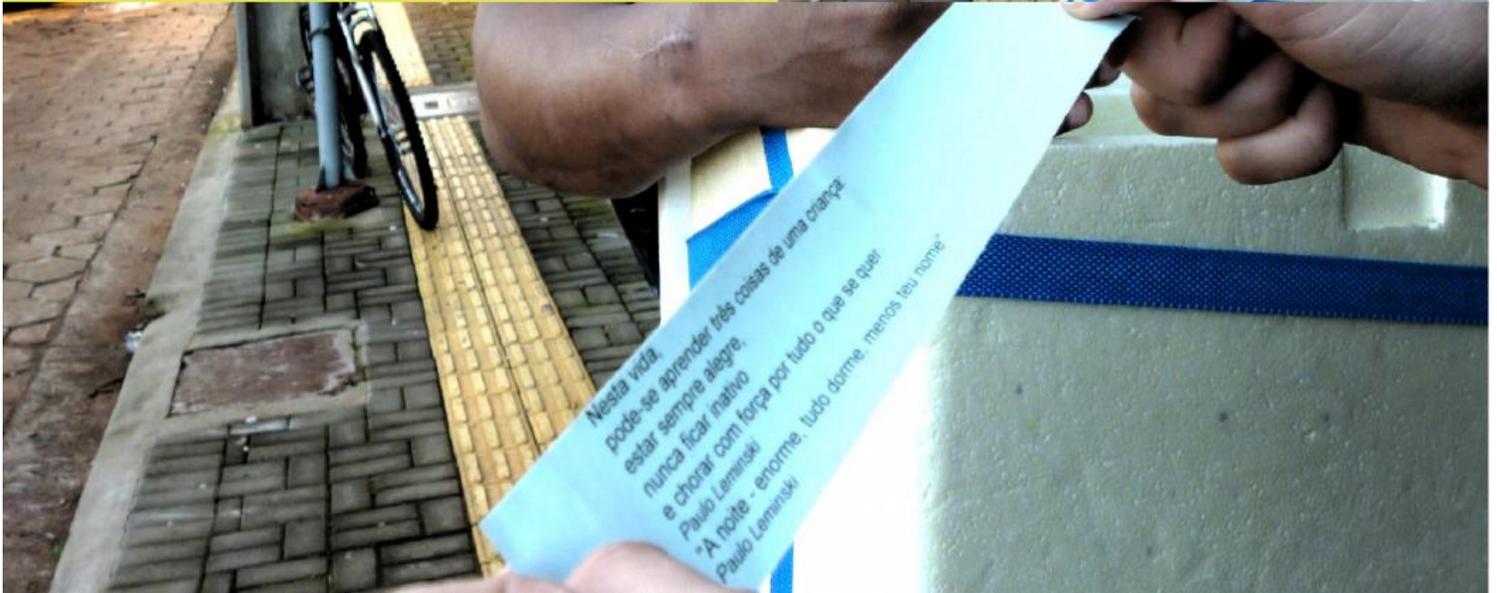
***Na mão, bolos e frases de  
inspiração.***

***Traz alimento para o corpo e para  
a alma!***

***Por dois reais***



Nesta vida,  
pode-se aprender três coisas de uma criança:  
nunca ficar alegre  
e chorar com força por tudo o que se quer  
Paulo Leminski  
"A noite - enorme, tudo dorme, menos teu nome"  
Paulo Leminski



A revista Peabiru é um projeto de extensão realizado pela Secretaria de Comunicação, por professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da UNILA. O projeto surgiu com a ideia de produzir uma revista para difundir a cultura da América Latina vivenciada na universidade e na região de fronteira entre os países Brasil, Argentina e Paraguai. Com o objetivo de convergir academia científica e comunidade por meio de processos comunicativos, que buscamos formar uma rede de autores-colaboradores para ilustrar também em nossas páginas, as diferentes vozes e a diversidade cultural dos sujeitos latino-americanos imersos nessa fronteira trinacional.

Acreditamos que a criação de um produto cultural de mídia voltado à diversidade de vozes, expressões e opiniões contribui para a integração dos distintos cenários da América Latina que se encontram nas intermitências dessa fronteira.

**[www.unila.edu.br/revistapeabiru](http://www.unila.edu.br/revistapeabiru)**

## CAMPONESAS

*Em minha trajetória a fotografia tem sido uma ferramenta de reivindicação, hora pela beleza, pela denúncia ou notavelmente pela visibilidade social.*

Neste contexto as fotos que aqui socializo têm a intenção de mostrar a diversidade de práticas e conhecimentos tradicionais associados à sociobiodiversidade, as quais são reproduzidas cotidianamente pela mulher e pelo homem do campo.



Essas práticas e conhecimentos foram experimentados por inúmeras gerações passadas, guardados na memória e repassados pela oralidade, fazeres e práticas que não aprendemos na escola, muito menos na universidade, mas no olhar e no fazer.

Como voluntária dessa ruptura, apresento as fotos das mulheres que são de quatro gerações de minha família, sendo elas: avó Cecília Maria, mãe Maria Rosa, irmã Adriana, sobrinhas Isabela, Maria Cecília e Maria Laura e, sobrinho Nicolas José, da Comunidade Rural de Góes Artigas, município de Inácio Martins, região Centro Sul do Estado do Paraná.

**Camponesas** que nas trocas de sementes crioulas, mudas e ramas, preservam a diversidade de nossos alimentos e plantas medicinais.

**Trabalhadoras** que insistem na agroecologia em oposição ao agronegócio que com seus venenos contamina a terra, a água e as matas.

**Guerreiras** que sobrevivem no campo, quando testemunham diariamente a derrubada de nossos pinheiros e tantas árvores nativas que são remédio e fonte de alimento para nossas comunidades, sem que nenhuma justiça ambiental seja feita pelos órgãos competentes.



**Vítimas da violência causada pelo avanço dos monocultivos** de pinus e eucalipto que desertificam nossa mata e não respeitam limite algum, nem nossos lugares sagrados como os Olhos d'Água do Monge João Maria.

**Mães** que enfrentam a despedida de seus filhos que deixam suas casas atrás de estudo e trabalho nos grandes centros, e mesmo assim lutam pelo acesso a políticas públicas que garantam qualidade de vida as famílias camponesas, bem como, por políticas públicas que reconheçam nossas demandas e especificidades, como movimento de resistência identitária ao nosso modo de vida camponês.

*Por Taisa Lewizki*



# CATARSE

## OS ANTECEDENTES

Ide a Platão (em *O Banquete*, por exemplo); depois, a São João (21, 23). Lá estão (num e noutro), os divãs. Postos em forma de ferradura em torno duma mesa, neles se sentavam os comensais. No filósofo e no santo, celebra-se o amor (conquanto divirja o estilo), toma-se vinho (embora difira o pretexto) e fala-se de deus (mesmo que contraste a religião); todavia os convivas (tanto os que acabarão bêbados quanto os que acabarão detidos - o anfitrião preso e morto) não estão sentados, e sim deitados (mais de um por divã); por isso, em São João, quando o amado (o apóstolo) pergunta ao amante (o mestre) quem lhe dará cicuta, põe-lhe, no peito, a cabeça.

Eu e Aristóteles estávamos com a dra. Letícia Scheidt (psicóloga da Proac/Unila). Ela não é psicanalista; assim, nada de divãs: eu a consultava, naquela tarde de dezembro passado (véspera de fim de semestre, salvo engano; uma sexta, se não minto; lá pelas duas, se não estou doido), sentado numa entre a arte performática e a psicologia; então a Inspiração, a Reminiscência e o Anelo, cirandando do consultório a fora, foram-se, rindo-se e propondo-se: “E se fizéssemos um projeto, e performances, e...”.

Os risos ficaram pelo corredor, e a proposta ecoou pelo hall (prefiro crer que seja o átrio) da Unila Centro. Como resistir à semelhante visão? Verdade que, ao longo do início deste ano, compromissos e percalços tiranizaram sobre projetos e iniciativas. Por um momento, pareceu que a Inspiração, a Reminiscência e o Anelo se teriam perdido, por aí, depois daquela efusiva epifania. Mas o Interesse, fiel almuadem, subiu ao pináculo do templo de Mnemósine e anunciou aos sonhos,

Numa sexta-feira do último maio (dia 24, às 12h06min, se não me trai Memória, essa inconstante), como se fosse aquele outro João, o Batista (padroeiro de Foz), a performance-piloto *Olhos sobre Nossos Passos ou Para que não Tropeces Nalguma Pedra* preconizou: “Outro virá, depois de mim, e é dele o que diz a Escritura: 'A Visão Refletida no Olhar'”. Até o advento do projeto *Catarse*, ouçamos as performances preliminares apregoar o protoevangelho em torno do universo da percepção. Que sua mensagem, entre seus ouvintes, possa abrir os olhos aos que veem, mas não enxergam, os conflitos consigo e com outro (o próximo e o mundo) hodierna e sóbria cadeira (de funcional elegância e frugal conforto). Aristóteles estava ali, de pé, em sua empertigada austeridade de mito.



A conversa pós-consulta girava em torno, àquela altura, de meus estudos sobre a *Arte Poética* do filósofo (assunto da disciplina *Epistemes da Literatura I*). Lá pelas tantas, falou-se da *catarse* na tragédia (sim, mencionamos o Édipo; claro, não nos esquecemos da Medeia). E, lá por outras tantas (era a conversa agradável, e ela não tinha consulta agendada para aquele momento), a Inspiração da *catarse* aristotélica tomou, pela mão, a Reminiscência da performance *Sala Cega* (realizada, naquele mesmo dezembro, uma semana antes, pouco mais ou menos, por mim, o Felipe e o Michel – amigos, colegas e cúmplices); e esta tomou pela cintura o antigo Anelo (meu e da dra. Letícia) de fazer um consórcio de “terapia cultural”.

Texto Marco de Souza Albuquerque

Fotos Carlos Cezare



## **CINEMA COMBINA COM VINHO**

**Um tapete vermelho *cabernet sauvignon*, perdido em plena terra das Cataratas, indicava que aquela não era uma noite de sexta-feira qualquer. Não demorou muito para que um rufar de tambores, um batuque impactante, até mesmo para aqueles acostumados com o barulho ensurdecedor das quedas do Rio Iguazu, chamasse a atenção do pedaço de América Latina que habita e alegra essa cidade.**

**Aquele não foi um evento desses que vemos normalmente. Não! Era diferente. Projetados na parede, rodavam filmes. Eram mais que sons e imagens, eram o resultado de uma corrida contra o tempo, da falta de sorte e técnica. Eram produto de esforço, talento e criatividade. Nos levavam brevemente a passear por histórias facilmente reconhecíveis em nosso cotidiano de fronteira. Da ponte da Amizade à feirinha de Puerto Iguazu. Da tela de um computador às ruas de Foz. Das deslumbrantes Cataratas à dura realidade tradicional dessa tríplice fusão de cidades, problemas e culturas.**

**Muitos foram os membros da UNILA que participaram da primeira edição do festival, realizada em 2012, alguns surpreenderam e arremataram o primeiro lugar. Uma gente que representa e replica a diversidade, não ficaria de fora do lançamento do Festival Curta Iguassu 2013. O festival se realizará entre os dias 20 e 28 de setembro, e promete, a julgar por sua noite de estreia, ser ainda superior ao bom resultado do ano anterior. Aguardaremos ansiosos pelo show de imagens que a região trinacional nos proporciona.**



*Texto Natali Hoff  
Fotos Carlos Cezare*

# Cultura de la muerte

*No hay un día más claro  
que después de una noche oscura.*  
Proverbio Oriental

La búsqueda de una utopía ha sido la clave de transformación en todo movimiento social orientado a la emancipación en alguna de sus formas. El pensamiento social en América Latina a lo largo de las casi cuatro últimas décadas, se ha caracterizado por esta búsqueda, que aunque fugaz, persiste en intención mas no en intensidad. Transitando caminos de redención o autonomía, el conocimiento social se ha orientado a la resignificación de relaciones sociales e invocación de ideales nuevos y viejos en miras a la construcción de un orden social diferente, pocas veces hoy denominado revolución.

Si una utopía es la búsqueda de un lugar simbólico, idealizado que, excediendo la idea geográfica de Tomás Moro,

recorre imaginarios sociales...  
qué implicancias tendría una distopía o una anti-utopía?

La década de los años '70 en América Latina se caracterizó por la imposición de un orden basado en el terror. Los regímenes autoritarios fueron la cristalización de un proyecto político excluyente que para consolidarse en el tiempo requería contener todo orden diferente, que pudiera amenazar sus principios. La llegada de los militares al poder no significó una apuesta de control de los cuerpos solamente, sino también, un control de las mentes. ¿Existiría en la construcción del proyecto militar un ideal de sociedad? ¿Sería esa entonces la utopía negativa, fundada en una cultura de la muerte?

**¿Podés ver ahora lo que  
significa una contra-utopía?**